



11 DE DEZEMBRO DE 2018

Terça-feira

- **CURSO: FUNDAMENTOS DA INDÚSTRIA 4.0**
- **CÂMARA DE COMÉRCIO EXTERIOR ESTABELECE BOAS PRÁTICAS PARA O SETOR**
- **PRIMEIRA SEMANA DE DEZEMBRO TEM SUPERÁVIT DE US\$ 2,019 BI**
- **EM SP, SECRETÁRIO IGOR CALVET DESTACA AÇÕES DO MDIC QUE MELHORARAM O AMBIENTE DE NEGÓCIOS NO BRASIL**
- **EMPRESÁRIOS LANÇAM AGENDA PRÓ-BOLSONARO PARA GERAR EMPREGOS**
- **CONSUMO DE BENS INDUSTRIAIS SOBE 0,3% EM OUTUBRO ANTE SETEMBRO, DIZ IPEA**
- **CRESCEREM O NÚMERO DE EMPRESAS QUE PRETENDEM INVESTIR MAIS EM 12 MESES, DIZ FGV**
- **BNDES MIRA FGTS E NORDESTE PARA OFERECER TAXAS MAIS BAIXAS A EMPRESAS**
- **BOLSA LANÇA NOVOS PRODUTOS PARA INVESTIDORES EXPERIENTES**
- **'ESTAMOS FICANDO PARA TRÁS NA CORRIDA DA MÃO DE OBRA', DIZ CARLOS COSTA**
- **COM MORO, INDÚSTRIA ARTICULA REDUZIR NÚMERO DE SINDICATOS**
- **SINDICATOS TENTAM SUSPENDER LEILÃO DA DISTRIBUIDORA DA ELETROBRAS**
- **CAMPANHA QUER GERAR 1 MILHÃO DE EMPREGOS**
- **FGV: IPC-S DA 1ª QUADRISSEMANA DE DEZEMBRO AVANCA EM 6 DAS 7 CAPITAIS AVALIADAS**
- **FGV REVISA PROJEÇÃO DE CRESCIMENTO PARA PIB DE 2018 DE 1,5% PARA 1,3%**
- **'NÃO É HORA DE BRINCAR COM POVO E COM PAÍS', DIZ PRESIDENTE DA FETRABENS**
- **CAMINHONEIROS ENCERRAM BLOQUEIOS EM TRECHOS DA DUTRA; DOIS SÃO PRESOS**

- JUSTIÇA ORDENA REDUÇÃO DO PEDÁGIO DA DUTRA; CONCESSIONÁRIA VAI RECORRER
- GHOSN E NISSAN SÃO INDICIADOS NO JAPÃO
- ACESSO AO IMÓVEL DE GHOSN NO RIO CRIA RISCO DE DESTRUIÇÃO DE PROVAS, DIZ NISSAN
- EX-PRESIDENTE DE CONSELHO DA NISSAN APRESENTA QUEIXA CONTRA DETENÇÃO
- LEI DEFINE OS REQUISITOS OBRIGATÓRIOS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DE VEÍCULOS NO PAÍS
- EMPLACAMENTOS DE JANEIRO A NOVEMBRO SOBEM 52,58% EM UM ANO, DIZ ANFIR
- MERCADO PREVÊ MAIS PARTICIPAÇÃO DO SETOR PRIVADO NAS COMPRAS EM 2019
- JAGUAR E-PACE RECEBE MOTOR 2.0 FLEX COM 249 CAVALOS
- FABRICANTES DE IMPLEMENTOS ESTIMAM CRESCIMENTO DE ATÉ 15% EM 2019
- CONNECTIVIDADE: A NOVA FONTE DE LUCRO PARA AS MONTADORAS
- VOLKSWAGEN JETTA COMEÇA AGORA EM R\$ 99.990
- ABINC INCENTIVA DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA 4.0
- NOVAS TECNOLOGIAS PARA INDÚSTRIA 4.0, FÓRUMS SETORIAIS E PARCERIAS ESTRATÉGICAS MARCAM A AUTOMATION FAIR, NA PENSILVÂNIA (EUA)
- PLASSON INVESTE R\$ 28 MILHÕES EM EXPANSÃO DA UNIDADE FABRIL, EM CRICIÚMA

CÂMBIO		
EM 11/12/2018		
	Compra	Venda
Dólar	3,903	3,904
Euro	4,425	4,426

Fonte: BACEN

Curso: Fundamentos da Indústria 4.0

11/12/2018 – Fonte: SINDIMETAL/PR



Fundamentos da Indústria 4.0 "Casos Práticos"

De 11 a 22 de março de 2019

Local: PUCPR - Escola Politécnica
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prado Velho - Curitiba/PR

O movimento chamado de Indústria 4.0 é reconhecido como sendo a 4ª Revolução Industrial. Mais que um movimento revolucionário, é possível afirmar que a Indústria 4.0 é uma Arquitetura de Referência que prevê a utilização da automação industrial com integração horizontal e vertical da informação. Com isso, as empresas observarão um aumento da sua capacidade de resposta, eficiência e qualidade. Pensando em familiarizar os profissionais das empresas com as tendências e as tecnologias requeridas pela Indústria 4.0, o SINDIMETAL/PR, em parceria com a PUCPR, oferece o curso com a seguinte programação:

Conteúdo Programático:

- I. Desmistificar a Indústria 4.0
- II. Introduzir a gestão da inovação e de tecnologias
- III. Apresentar o conceito de produto e produção inteligente
- IV. Apresentar os conceitos de cultura para inovação com foco na Indústria 4.0 *
- V. Apresentar o processo de transformação digital para a Indústria 4.0 *

* Esses módulos serão compostos, também, de palestras com players de referência no mercado.

Investimento:

3 parcelas de **R\$332,00** para inscrições até **14/12/2018**

3 parcelas de **R\$366,00** para inscrições até **31/01/2019**

3 parcelas de **R\$384,00** para inscrições até **28/02/2019**

Valores exclusivos para empresas associadas

Carga horária 24h - (segundas, quartas e sextas-feiras, no horário das 18h20 às 22h30).

Incluso: Welcome Coffee, login e senha para acesso aos sistemas acadêmicos da PUCPR e ao Ambiente Virtual de Aprendizagem BLACKBOARD; material didático online e **certificação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná** através da Escola Politécnica, como curso de extensão em Fundamentos da Indústria 4.0.

Outras informações poderão ser obtidas no SINDIMETAL/PR, através do telefone (41) 3218-3935, ou e-mail sindimetal@sindimetal.com.br, com a Sra. Gisele Alves de Santana.



Câmara de comércio exterior estabelece boas práticas para o setor

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR (publicado em 10-12-2018)

O Comitê Executivo de Gestão da Câmara de Comércio Exterior publicou nesta segunda-feira, 10, no Diário Oficial da União (DOU) a resolução nº 90, que estabelece boas práticas para a elaboração e a revisão de medidas regulatórias que afetem o comércio exterior.

A resolução foi estabelecida com o objetivo de assegurar “uma política regulatória de comércio exterior coerente, transparente e eficaz” e manter um arcabouço regulatório que impulse o comércio internacional.

A resolução recomenda definições e boas práticas no processo de elaboração, revisão e revogação de medidas regulatórias, além de sugestões no processo de regulamentação em relação ao comércio exterior.

O texto pode ser acessado no seguinte endereço de internet:
<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=10/12/2018&jornal=515&pagina=3&totalArquivos=203>

Primeira semana de dezembro tem superávit de US\$ 2,019 bi

11/12/2018 – Fonte: MDIC (publicado em 10-12-2018)

Saldo é resultado de exportações no valor de US\$ 5,667 bilhões e importações de US\$ 3,649 bilhões

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 2,019 bilhões na primeira semana de dezembro de 2018, que teve cinco dias úteis. O saldo é resultado de exportações no valor de US\$ 5,667 bilhões e importações de US\$ 3,649 bilhões. No ano, as exportações somam US\$ 225,635 bilhões e as importações, US\$ 171,957 bilhões, com saldo positivo de US\$ 53,677 bilhões.

Confira [aqui](#) os dados completos da balança comercial.

Nas exportações, comparadas as médias até a primeira semana de dezembro de 2018 (US\$ 1,1 bilhão) com a de dezembro de 2017 (US\$ 879,8 milhões), houve crescimento de 28,8%, em razão do aumento nas vendas das três categorias de produtos: básicos (46,1%, principalmente de soja em grãos, farelo de soja, algodão em bruto, milho em grãos e café em grãos), semimanufaturados (33,3%, principalmente celulose, ferro-ligas, ferro fundido bruto, açúcar de cana em bruto e madeira serrada ou fendida) e manufaturados (17,2%, por conta de aviões, papel para fabricação de papel higiênico, lenço ou toalha, suco de laranja congelado, suco de laranja não congelado e produtos hortícolas preparados ou conservados em ácido acético).

Na comparação com novembro de 2018, houve crescimento de 8,3%, em virtude do aumento nas vendas de produtos semimanufaturados (32,9%, de US\$ 131,7 milhões para US\$ 174,9 milhões), básicos (8,3%, de US\$ 490,7 milhões para US\$ 531,5 milhões) e manufaturados (0,9%, de US\$ 423,3 milhões para US\$ 427 milhões).

Nas importações, a média diária até a primeira semana de dezembro de 2018 (US\$ 729,7 milhões) ficou 15,9% acima da média de dezembro de 2017 (US\$ 629,9 milhões).

Nesse comparativo, aumentaram os gastos, principalmente, com adubos e fertilizantes (120,2%), bebidas e álcool (74,2%), alumínio e suas obras (59,2%), leite e derivados (58,6%) e siderúrgicos (52%). Comparado com novembro de 2018, houve queda de 13,4%, pela diminuição nas compras de veículos automóveis e partes (-20,9%), combustíveis e lubrificantes (-12,1%), instrumentos médicos de ótica e precisão (-9,4%), plásticos e obras (-8,4%) e equipamentos elétricos e eletrônicos (-3,1%).

Em SP, secretário Igor Calvet destaca ações do MDIC que melhoraram o ambiente de negócios no Brasil

11/12/2018 – Fonte: MDIC (publicado em 07-12-2018)



O secretário de Desenvolvimento e Competitividade Industrial (SDCI) do MDIC, Igor Calvet, representou o ministro Marcos Jorge em três eventos que marcam o encerramento das atividades de 2018 para importantes entidades setoriais: a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) e a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

Durante o almoço anual da Abinee, no clube Monte Líbano, em São Paulo, Igor Calvet foi convidado a falar e fez um rápido balanço da relação do governo federal com o setor produtivo nos últimos dois anos e meio. "Tivemos um processo de diálogo muito franco e muito fluido com a indústria nesse período", disse Calvet. "Agora fica o agradecimento em nome do ministro Marcos Jorge, que não pode estar aqui hoje. Foi uma gestão muito exitosa com muitas batalhas vencidas", lembrou.

A ideia, segundo o secretário, foi sempre fortalecer o diálogo com a indústria para estabelecer uma relação sólida, transparente e que pudesse melhorar o Brasil. "Foi o que fizemos, e certamente entregamos um país melhor para o novo governo", analisou.

Pela manhã, Igor Calvet participou do 23º Encontro Anual da Indústria Química (ENAIQ). Em seguida, representou o ministro Marcos Jorge no almoço anual da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee). À noite, o secretário irá participar do jantar anual da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

Empresários lançam agenda pró-Bolsonaro para gerar empregos

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Grupo apresenta projeto 'empregue mais um' para estimular criação de postos de trabalho

Empresários simpatizantes do presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL), querem começar 2019 impulsionando a geração de vagas de trabalho em uma tentativa de estimular a economia no momento em que o novo governo toma posse.

A ideia é criar uma onda de novos empregos já no mês de janeiro, em uma iniciativa que está sendo chamada de "empregue mais um", organizada pelo movimento Brasil 200.

Da ação fazem parte nomes que apoiaram Bolsonaro. O empresário Gabriel Kanner, que dirige o movimento Brasil 200, porém, afirma que a nova ação para criação de vagas de trabalho não tem laços diretos com a nova gestão.

"Alguns nomes estão próximos do Bolsonaro, mas a campanha não tem nenhuma ligação formal com o governo federal. Isso foi uma iniciativa própria do Brasil 200, visando a recuperação da economia e o bem do país", disse.

O Brasil 200 foi lançado em janeiro em um manifesto em Nova York pelo empresário Flavio Rocha, presidente do conselho do grupo da Riachuelo e tio de Gabriel Kanner, que neste ano foi candidato a deputado federal pelo PRB.

Da ação também fazem parte nomes como João Appolinário, da Polishop, e Edgard Corona, das academias de ginástica Bio Ritmo e Smart Fit.

Kanner já contabiliza 300 vagas da Riachuelo em janeiro e 5.000 da Havan, de Luciano Hang, mas vai atualizar o número na segunda-feira (17) em um evento no prédio da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).



Flavio Rocha, dono da rede de varejo Riachuelo, foi pré-candidato à Presidência pelo PRB - Folhapress

"Estamos entrando em uma nova era de confiança, ânimo e engajamento do empresariado, e isso tende a impactar positivamente os diversos setores do mercado de trabalho", diz Appolinário, que pretende empregar 200 em 2019.

Em seu site, o Brasil 200 se define como um grupo que "resolveu tomar o lado do Brasil e não se omitir da construção de uma agenda política que ponha a nação em primeiro lugar".

De acordo com Kanner, é preciso "dar um voto de confiança e torcer para que o país dê certo".

Kanner afirma que grandes companhias criarão um volume maior de vagas, mas o objetivo da campanha é ganhar capilaridade e sensibilizar empresários de menor porte, donos de restaurantes e pequenos comércios.

"O Brasil tem hoje 22 milhões de CNPJs. Estamos estimando que, se tiver 5% de adesão de empresários, já dá 1 milhão de novas vagas", afirma Kanner.

Ao lado de Kanner, o presidente da Fiesp, Paulo Skaf, vai comandar o lançamento da ação pelo emprego na segunda-feira. Skaf, que também foi candidato nas eleições deste ano, declarou apoio a Bolsonaro desde o primeiro turno.

Procurada, a assessoria da Fiesp disse que não tinha porta-voz para comentar o tema.



João Appolinário, diretor da Polishop - Amanda Perobelli/UOL

Entidades da indústria e do comércio de outros estados também foram convidadas a aderir à iniciativa.

As estimativas do grupo para a criação de emprego são ambiciosas se comparadas aos números mais recentes do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

Em outubro, o Brasil registrou criação de 57,7 mil vagas de emprego com carteira assinada. O número foi menor do que registrado em setembro, quando houve a criação de 137 mil postos. No mês de agosto, o saldo foi positivo em 110 mil.

De janeiro a outubro, o resultado acumulado das vagas formais ficou positivo em 790,6 mil, o que representa alta de 2,09% ante o mesmo período do ano anterior.

Consumo de bens industriais sobe 0,3% em outubro ante setembro, diz Ipea

11/12/2018 – Fonte: DCI (publicado em 10-12-2018)

Desempenho supera ritmo de crescimento da produção industrial ante outubro de 2017 e no acumulado em 12 meses

A demanda por bens industriais no País subiu ligeiramente em outubro, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O Indicador Ipea Mensal de Consumo Aparente de Bens Industriais avançou 0,3% em relação a setembro.

O resultado foi puxado pelo crescimento de 0,8% na produção interna de bens industriais líquida de exportações, acompanhado de um recuo de 1% nas importações desses bens.



"Com esse resultado, o consumo aparente de outubro, que sucedeu queda de 2,4% em setembro, encerra o trimestre com alta de 0,9%", destaca o técnico de planejamento e pesquisa do Ipea e autor da análise, Leonardo Mello de Carvalho.

Na comparação com o mesmo mês no ano passado, a demanda interna por bens industriais subiu 2,1% em outubro. O resultado superou o desempenho apresentado pela produção industrial, que registrou alta de 1,1%, segundo o IBGE.

No acumulado de 12 meses, a demanda por bens industriais seguiu ritmo de crescimento mais intenso (4,3%) que o apresentado pela produção industrial (2,3%).

Cresce número de empresas que pretendem investir mais em 12 meses, diz FGV

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR (publicado em 10-12-2018)

A proporção de empresas que pretendem investir mais nos próximos 12 meses aumentou do terceiro para o quarto trimestre deste ano, informou nesta segunda-feira, 10, a Sondagem de Investimentos divulgado pela Fundação Getulio Vargas (FGV).

Entre o terceiro e o quarto trimestres de 2018, a proporção de empresas que preveem investir mais subiu de 28,3% para 30,7%. Além disso, houve redução da proporção das companhias que preveem investir menos, de 15,3% para 13,3%.

Também melhorou o volume de empresas que confirmam a execução do plano de investimentos nos 12 meses seguintes.

No quarto trimestre de 2018, a proporção de empresas certas quanto à execução do plano de investimentos foi de 31%, ficando acima da parcela de 25,9% de empresas que não deram essa certeza.

"O saldo de 5,1 pontos percentuais é o maior desde o primeiro trimestre de 2018 (14,2 p.p.). No trimestre anterior, o saldo havia sido de -4,4 p.p., com proporções de 27,5% e 31,9%, respectivamente", informou o relatório da FGV.

O Indicador de Intenção de Investimentos da Indústria da FGV subiu 4,4 pontos no quarto trimestre de 2018 em relação ao trimestre anterior, para 117,4 pontos, o maior nível desde o primeiro trimestre desse ano (123,7 pontos).

BNDES mira FGTS e Nordeste para oferecer taxas mais baixas a empresas

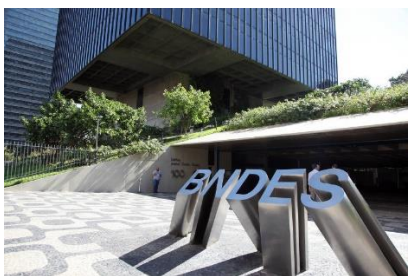
11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

A três semanas do fim do governo Michel Temer, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social) busca maneiras de voltar a operar com taxas de juros mais baixas do que as praticadas no mercado. A instituição, com isso, quer disputar clientes com a Caixa e outros bancos estatais que fazem empréstimos mais baratos ou subsidiados.

A aposta, segundo pessoas que participam das articulações, é derrubar as barreiras que existem hoje à operação do banco nessas linhas de crédito, deixando aberta a possibilidade de atuação na próxima administração.

Em uma das frentes, o BNDES tenta convencer o Conselho Curador do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) a quebrar o monopólio da Caixa como operador único dos recursos, usados para financiar obras de infraestrutura e saneamento. Hoje, só a Caixa pode emprestar dinheiro do FGTS.

Em uma segunda trincheira, o banco costurou apoio de parlamentares para reverter um veto do presidente Michel Temer à medida provisória que o autorizava a fazer empréstimos com juros reduzidos no Norte e no Nordeste.



Fachada da sede do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) na região central do Rio de Janeiro - Lucas Tavares/Folhapress

Esta atribuição é hoje dos bancos regionais estatais Basa (Norte) e BNB (Nordeste), autorizados a oferecer empréstimos com recursos dos fundos constitucionais —mais baixos porque são subsidiados.

O Tesouro banca essa diferença de taxas. Neste ano, as despesas com esse subsídio devem chegar a R\$ 8,18 bilhões. A previsão é que subam para R\$ 9,9 bilhões em 2019. O BNDES quer entrar nesses dois mercados para reverter a fraca demanda por seus empréstimos.

O resultado é que ele acumulou dinheiro em caixa. O nível de capital próprio — conhecido como índice de Basileia— chegou a 29% em junho. A média dos maiores bancos brasileiros foi de 17,4%.

De janeiro a setembro, o BNDES desembolsou R\$ 43 bilhões, valor muito distante do de anos de pujança (entre 2010 e 2014), quando os desembolsos anuais superaram R\$ 100 bilhões.

O boom do passado fora possível com a injeção de recursos da União no BNDES em cerca de R\$ 500 bilhões, durante os governos dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Foi uma forma de tentar turbinar a atividade e evitar a desaceleração do crescimento econômico, após a crise financeira global.

Desde que Temer chegou à Presidência, no entanto, a ordem tem sido reduzir o tamanho do banco para auxiliar o ajuste fiscal. O banco já devolveu R\$ 310 bilhões, usados para abater a dívida pública, e o acordo é pagar R\$ 26 bilhões por ano até 2040.

A expectativa é que essa política seja mantida no próximo governo, com a chegada de Joaquim Levy ao comando do BNDES. Ex-ministro da Fazenda e ex-secretário do Tesouro, Levy é conhecido pela disciplina fiscal.

Consultado pela **Folha** sobre os movimentos recentes do banco para avançar sobre as linhas de crédito dos outros bancos estatais, Levy disse que pretende esperar até assumir antes de comentar seus planos para a instituição.

O principal argumento a favor é que, se conseguir operar financiamentos com recursos do FGTS, o BNDES poderá ajudar o fundo a destravar projetos que hoje estão represados por causa da escassez de capital próprio da Caixa —que vive realidade oposta à do BNDES.

Neste ano, o fundo previu liberar R\$ 6 bilhões em empréstimos para infraestrutura, mas a Caixa só conseguiu fechar cerca de R\$ 1 bilhão.

O segundo argumento, ressaltado por funcionários do BNDES, é que o banco perdeu a capacidade de competir com a chegada da TLP (taxa de longo prazo), em janeiro de 2018. A nova taxa acabou com o crédito subsidiado (pelo Tesouro) oferecido pelo banco.

Com juros mais altos, o banco perdeu clientes no Nordeste, como projetos de energia eólica e o financiamento de obras de transporte urbano na Bahia. Os empreendedores optaram pelo BNB, que oferece taxas mais baixas graças aos subsídios.

Enquanto o BNDES opera um juro básico (sem contar as margens bancárias) de 6,5% ao ano, o BNB pode aplicar redutores à TLP, que baixam a sua taxa básica a 3,25% ao ano.

A perda de clientes era esperada pelo governo, que queria que o BNDES concentrasse a atuação no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste, deixando o Norte e o Nordeste para os bancos regionais.

Na votação da medida provisória 812, que ditou as novas regras para o funcionamento dos fundos constitucionais, parlamentares do Nordeste emplacaram uma emenda que concedeu ao BNDES as mesmas condições de operar que os bancos regionais.

Por orientação do Ministério da Fazenda, Temer vetou o trecho, mas parlamentares do Nordeste articulam a derrubada do veto com a bênção do BNDES.

A equipe de transição, a serviço do futuro ministro da Economia, Paulo Guedes, considera que a derrubada do veto não é bem-vinda, principalmente porque iria contra a avaliação técnica da Fazenda.

Procurado pela **Folha**, o presidente do BNDES, Dyogo Oliveira, negou que a TLP tenha afetado a competitividade. Ele disse que a emenda vetada por Temer não alinharia automaticamente os juros do BNDES aos dos demais bancos estatais do Norte e Nordeste.

"Mesmo que derrubem o veto, [o redutor de TLP] não é obrigatório. Isso dependeria de dotação orçamentária." Ou seja, dependeria de previsão orçamentária para o subsídio.

Dyogo acrescentou que já conversou com Guedes e Levy sobre o assunto e que o veto não deverá mais ser derrubado. "Se for conveniente, pode ser feito a qualquer momento mudando a legislação", disse.

Ele afirmou ainda que a estratégia de operar o FGTS é um "assunto velho" e não houve avanço desde que a proposta foi colocada para o Conselho Curador.

Bolsa lança novos produtos para investidores experientes

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR (publicado em 10-12-2018)

A B3, a Bolsa de Valores de São Paulo, lança nesta segunda-feira, 10, cinco novos produtos no mercado, ampliando a gama de operações disponíveis a investidores de varejo e institucionais. As novidades são: mini opções de dólar, futuros de moedas

negociadas em dólares dos Estados Unidos, contrato de opções sobre futuros de DI, contratos futuros de ações e units e microcontrato futuro de S&P 500, um dos maiores índices do mercado acionário dos EUA.

Os produtos são a “primeira leva” de um conjunto de lançamentos que a B3 colocará no mercado até o final de 2019. Mais complexas, as cinco novidades são produtos derivativos: contratos no qual, diferentemente do mercado à vista, se estabelecem pagamentos futuros, cujos preços estão relacionados a ativos como ações, moedas ou índices. Eles surgiram diante da necessidade de negociação antecipada de mercadorias, por exemplo, reduzindo a incerteza quanto à variação de preço.

Por isso, apesar de os produtos estarem disponíveis a todos os tipos de investidor, dada a sua complexidade, são mais direcionados a investidores institucionais (como fundos) ou investidores pessoa física mais experientes – como traders, que operam com frequência -, já que exigem conhecimento do mercado financeiro.

“São produtos para um investidor mais profissional, pois o investidor comum ainda está num estágio muito preliminar”, diz Michael Viriato, coordenador do laboratório de finanças do Insper. “Tem gente que só agora saiu da poupança e foi para a renda fixa; e quem saiu da renda fixa ainda está se familiarizando com produtos como fundos imobiliários e ETFs.”

Segundo o superintendente de Equities da B3, Marcos Skistymas, um dos destaques são os contratos de futuros de moedas negociados em dólar. Atualmente, das 12 moedas que a B3 oferece, todas têm apenas paridade contra o real.

“Hoje, se um investidor quiser operar uma moeda contra o dólar – o que tem sido a preferência -, precisa fazer dois contratos: primeiro, da moeda em questão para o real; e depois do real para o dólar”, diz. “Assim, um dos efeitos será a redução de custos.” Além das 12 moedas que a B3 já oferece, foram incluídas coroa norueguesa, rublo russo e coroa sueca.

Outro produto será a opção mini de dólar. Opções são contratos em que se negociam direitos de compra ou venda de determinado ativo. Ou seja: o investidor não compra/vende uma ação ou moeda no mercado futuro, mas negocia o direito de, se quiser e considerar vantajoso, comprar/vender, sem precisar necessariamente fazê-lo.

Segundo Skistymas, esse novo produto, de tamanho reduzido, tem ainda como objetivo trazer de volta liquidez que migrou ao longo dos últimos anos para o mercado offshore. De acordo com o superintendente da B3, hoje o mercado responde por 25% do registrado em 2008.

Com o mini de dólar, a ideia ainda é aumentar o leque de investidores, trazendo a pessoa física. Isso porque o contrato fica mais acessível: hoje, a opção de dólar tem valor mínimo de US\$ 50 mil. Já na opção de mini dólar, cada contrato custará US\$ 10 mil. “Além disso, teremos vencimentos semanais em vez de apenas mensais.”

Com o minicontrato futuro de S&P, um dos objetivos foi de complementar o portfólio da casa. A Bolsa já possui o contrato futuro do S&P, feito em parceria com o CME Group. Charles Farra, diretor executivo de Desenvolvimento de Mercado Internacional da CME, com foco em América Latina, destaca que esse lançamento dará acesso a uma maior gama de investidores, já que a variação de cada ponto do índice será de US\$ 2,50. “Nossa parceria tem dez anos e esperamos por muitos mais anos de sucesso”, disse.

Já o lançamento do futuro de ações – que consiste em apostar na expectativa futura do valor de uma ação – visa a atender uma demanda do mercado diante do crescimento observado em importantes mercados globais.

Dentre as utilizações desse novo produto está a possibilidade de realização de hedge – proteção contra a variação de preços. Inicialmente, serão 12 ações: Petrobrás, Vale, Porto Seguro, Kroton, CCR, Cielo, Usiminas, Via Varejo, Cemig, Hypera, Grupo Pão de Açúcar e B3.

'Estamos ficando para trás na corrida da mão de obra', diz Carlos Costa

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR (publicado em 10-12-2018)

Indicado no sábado, 8, pelo futuro ministro da Economia, Paulo Guedes, para comandar a nova Secretaria Geral de Produtividade e Emprego, o economista Carlos da Costa antecipou que o próximo governo vai lançar um Plano Nacional de Qualificação de Capital Humano para elevar a qualidade da mão de obra do País.

Em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo e ao Broadcast (sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado), Costa informou que o plano prevê melhor uso dos recursos transferidos pelas empresas ao Sistema S para os programas de qualificação do trabalhador.

Quais as primeiras medidas?

Certamente as de destravamento para remover as amarras das empresas. Precisamos acelerar o desenvolvimento da produtividade do País. Temos uma produtividade média de 23% da do trabalhador americano.

Como o governo vai alcançar a meta de 10 milhões de empregos em 4 anos?

Quem gera emprego é o setor privado, não o governo. Essa é uma mudança de abordagem central. O Estado tem de remover os obstáculos à criação de empregos. Temos inúmeras regulamentações, proibições que amarram as mãos dos empresários.

Temos de garantir que alguns setores que geram muito emprego tenham precedência nas nossas ações de liberalização e destravamento. O primeiro deles é a construção, que tem o maior potencial de geração de empregos no curto prazo. Temos de atuar para reduzir as barreiras regulatórias, obstáculos para que as obras aconteçam.

O que mais poderá ser feito?

Precisamos de uma reforma tributária com menos carga sobre a produção e o emprego. É um segundo elemento que vai agir para a geração de empregos. Vamos lançar o Programa Nacional de Qualificação de Capital Humano.

O Brasil está ficando para trás na corrida global da mão de obra qualificada e estamos perdendo competitividade pela ausência de políticas efetivas de investimento. O Pronatec teve efetividade zero. Foi dinheiro desperdiçado. Até que o atual governo praticamente o interrompeu. E precisamos de um salto de modernização.

O que é esse plano?

Ainda vamos detalhar, mas o plano terá alguns pilares. O primeiro é que precisa ser feito com a iniciativa privada. São as empresas que sabem o que os trabalhadores do futuro vão precisar. Acreditamos que muito dessa capacitação vai ocorrer dentro das próprias empresas. Segundo tem de ser feito em parceria com as organizações sociais que recebem recursos públicos, como Senac, Senai e Sebrae, que dispõem de orçamento importante.

Como seria? O Sistema S é criticado pelo desvio de recursos da qualificação para outras funções.

É tema que precisa ser analisado com cuidado. É preciso ver se isso ocorreu porque o Sistema S se afastou ou se o governo não exerceu a sua responsabilidade de coordenação. Ou os dois. A verdade é que o Sistema S é muito centralizado. Existem alguns Senais que fazem ótimo trabalho e outros nem tanto. Pode ser ótimo do ponto de vista técnico, mas não é coordenado pelo setor público. Existe uma discussão sobre

quanto o Sistema S deveria receber de recursos e como usá-los. É uma discussão nacional e não somos nós que unilateralmente vamos definir. Mas uma coisa é certa: precisamos trabalhar mais próximo do Sistema S para garantir que os recursos disponíveis, que são públicos, sejam coordenados com as ações do governo. Precisamos garantir o melhor uso. O Sistema S não tem independência total do setor público.

Hoje não é dessa forma?

Não. O governo tem pouca articulação do Sistema S na definição das prioridades. Pela lei, o Sistema S tem de ter os seus planos aprovados pelo setor público. O TCU decidiu recentemente que são recursos de natureza pública. Não queremos brigar com o Sistema S. Seria péssimo. O que queremos é nos aproximar e garantir que os recursos sejam adequados. Precisamos ter certeza que esses recursos são usados de acordo com a necessidade de emprego da população.

Vai precisar tirar dinheiro do Sistema S?

Todo recurso público hoje está sendo revisto. Ele não é exceção. Está sendo estudado se faz sentido rever.

O Pronatec vai acabar?

Já acabou na prática. Hoje, a quantidade de recursos que tem lá não serve para praticamente nada. O resultado foi desastroso. Foi um dinheiro gasto sem resultado.

Com Moro, indústria articula reduzir número de sindicatos

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo (publicado em 10-12-2018)

Setor quer reforma para conter e reverter proliferação de entidades no país

Após o fim do imposto sindical e a eleição de Jair Bolsonaro (PSL), a indústria quer uma reforma sindical para reduzir o número de entidades representativas de classe no país.

Com a extinção do Ministério do Trabalho e a possível transferência de concessões de registros sindical para a pasta de Sergio Moro (Justiça e Segurança Pública), o setor debate formas de conter e reverter a proliferação de entidades.

O país tem hoje 17 mil sindicatos ativos, 12 mil de trabalhadores e 5.000 de empregadores. Há casos como entidades com mais dirigentes que associados e redundâncias geográficas, com mais de um sindicato por cidade ou região representando o mesmo grupo.



O futuro ministro da Justiça do governo de Jair Bolsonaro, Sergio Moro, durante entrevista para grupo de jornalistas em Brasília - Pedro Ladeira - 7.dez.2018/Folhapress

Entre as entidades de empresários da indústria, a meta é passar de 1.300 para 300. A proposta, defendida pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), inclui fusões e incorporações, estabelecendo o limite de um sindicato por categoria econômica por estado.

Estipula mandatos de até três anos para dirigentes, o que poria fim a longos períodos de gestão, como as de Paulo Skaf na Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), de 14 anos, e de Abram Szajman na FecomercioSP, de 33 anos.

A CNI acredita na necessidade de uma reforma sindical que dê aos sindicatos maior representatividade e participação no debate político”, disse Robson Braga de Andrade, presidente da entidade.

“Os sindicatos de trabalhadores não têm hoje o poder de negociação que já tiveram, além dos problemas de recursos, de financiamento.”

Se os chamados sindicatos laborais perderam legitimidade, os patronais tampouco mantiveram o status, disse Andrade. “É preciso buscar a modernização na relação das empresas e mesmo na representação do empresariado perante o poder público e a própria sociedade.”

Na segunda-feira (3), o futuro ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, anunciou a transferência dos registros sindicais para o Ministério da Justiça.

No dia seguinte, Moro afirmou que a mudança ainda está em estudo, mas que, se concretizada, terá como objetivo “eliminar qualquer vestígio de corrupção”.

Em agosto, ao concluir a Operação [Registro Espúrio](#), a Polícia Federal afirmou que uma organização criminosa integrada pelos deputados federais Jovair Arantes (PTB-GO), Paulinho da Força (SD-SP), Cristiane Brasil (PTB-RJ), seu pai, o presidente do PTB, Roberto Jefferson, entre outros, atuou para fraudar registros sindicais no Ministério do Trabalho. Os citados negaram irregularidades.

De modo geral, Bolsonaro sinalizou apoio à mudança na estrutura sindical. “Propomos a permissão legal para a escolha entre sindicatos, viabilizando uma saudável competição. O sindicato precisa convencer o trabalhador a voluntariamente se filiar, por meio de bons serviços prestados à categoria”, disse, em seu programa de governo. O agora eleito rechaçou a volta do imposto sindical, extinto há um ano com a reforma trabalhista.

Se, em 2016, a contribuição, então compulsória, gerou R\$ 3 bilhões para sindicatos, federações, confederações e centrais, neste 2018, até setembro, já voluntária, trouxe R\$ 400 milhões aos mesmos cofres. Com a página dedicada a esses números fora do ar na internet, o Ministério do Trabalho e Emprego não informou dados mais atualizados.

No caso da CNI, contudo, o impacto é menor. As receitas advêm sobretudo do Sistema S (Sesi, Senai, Sesc etc.). Para o professor da USP (Universidade de São Paulo) Hélio Zylberstajn, será difícil para o novo governo aprovar uma reforma sindical profunda, uma vez que se espera que o capital político seja concentrado na Previdência.

E as entidades, segundo o economista, já tentam ressuscitar a obrigatoriedade, não via legislação, mas por meio das negociações coletivas. “O sindicato dos trabalhadores faz uma assembleia, define que todos vão pagar uma contribuição e leva isso para incluir na convenção coletiva”, disse Zylberstajn, coordenador do Salariômetro, da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas).

“As empresas ficam em situação delicada. Se atendem o sindicato, vão se prejudicar na relação ao empregado, que talvez não queira pagar e está sendo obrigado. Infelizmente, algumas empresas estão capitulando e concordando.”

Trabalhador tem até entidade de camisas para homens

A proliferação de sindicatos ao longo das décadas levou a uma sobreposição de entidades, enfraquecendo a sua representatividade. Em Minas Gerais, por exemplo,

há 34 sindicatos de empregados em estabelecimentos de saúde, às vezes em cidades próximas.

Em um raio de 200 quilômetros, Poços de Caldas, Pouso Alegre e Itajubá têm entidades da categoria com 517, 212 e 167 sindicalizados cada uma, respectivamente. Em outros casos, a fragmentação é tamanha que dá espaço a organizações bastante específicas, como o Sindicato da Indústria de Camisas para Homem e Roupas Brancas de São Paulo, com 84 associados, e o Sindicato da Indústria de Confecção de Roupas e Chapéus de Senhora do Ceará, com 92 membros.

O professor da USP Hélio Zylberstajn afirmou que, paulatinamente, independentemente de uma eventual reforma, "muitos sindicatos vão desaparecer, porque são raríssimos os que estão enraizados na base, que têm associados e podem se sustentar sem a contribuição compulsória". Outros tantos, disse, deverão se fundir. Nesta semana, um caso reforçou o prognóstico. O estado do Rio tem sete sindicatos da indústria gráfica. Dois assinaram um termo de entendimento, que é o início de uma parceria para se fundirem.

"O jeito de se viabilizarem é se transformarem em um único, talvez até mesmo um único no país", afirmou Zylberstajn. O fim do imposto obrigatório foi considerado constitucional pelo STF (Supremo Tribunal Federal) em junho.

Sindicatos tentam suspender leilão da distribuidora da Eletrobras

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo (publicado em 10-12-2018)

BNDES e Eletrobras afirmam que ainda não foram notificadas pela Justiça

Uma decisão liminar do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região pode suspender os efeitos do leilão da Amazonas Energia, que acaba de ser vendida ao consórcio Oliveira/Atem, nesta segunda-feira (10).

O BNDES diz que ainda não foi notificado. "O leilão foi realizado com a grata vitória do proponente. Está realizado o processo", afirmou Rodolfo Torres, superintendente da área de desestatização do banco de fomento.

Ricardo Brandão, consultor jurídico da Eletrobras, também diz que a estatal não foi notificada. Ele afirma que a empresa já foi alvo de outras 50 ações contra a venda das distribuidoras e que sempre foram enfrentadas "com muita tranquilidade". "Outras decisões [da Justiça do Trabalho] foram sempre suspensas."



Representantes do grupo Oliveira batem martelo; consórcio venceu leilão que vendia distribuidora da Eletrobras no AM - Tais Hirata/Folhapress

Segundo ele, a ação não se aplicaria apenas à venda da distribuidora amazonense, mas de todas as demais distribuidoras colocadas à venda pela estatal. O desembargador do Trabalho responsável pela liminar atendeu um pedido de sindicatos de funcionários da Eletrobras, que pediam estudos do impacto trabalhista na venda das empresas.

"Concedo parcialmente a liminar para subordinar a eficácia da concretização dos leilões remanescentes à apreciação a ser feita pelo colegiado do Órgão Especial acerca do mérito do Agravo", diz o desembargador, na decisão.

A decisão foi publicada às 17h19, minutos após os vencedores baterem o martelo de venda da empresa, considerada a distribuidora em pior situação financeira entre as que foram colocadas à venda pela estatal.

O consórcio Oliveira/Atem é formado por companhias que atuam no estado, e foi o único a participar da concorrência. O lance vencedor foi o mínimo.

O grupo já havia vencido o leilão da Boa Vista Energia, distribuidora em Roraima, em agosto deste ano.

Foi pago o valor simbólico de R\$ 50 mil, mas o consórcio terá de fazer um aumento de capital na empresa de R\$ 491 milhões.

Campanha quer gerar 1 milhão de empregos

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR

Em uma iniciativa inédita, um grupo de empresários brasileiros lança na próxima segunda-feira uma campanha de mobilização para gerar pelo menos 1 milhão de vagas formais no primeiro mês de 2019. Chamado de 'Empregue +1 – Empresários unidos a favor do emprego', o movimento sugere que cada empresa, das micro às grandes companhias, abra pelo menos uma vaga.

Gabriel Kanner, presidente do Movimento Brasil 200, entidade que lidera o programa, diz que há 22 milhões de CNPJs no País e, "se tivermos adesão de 5% deles, serão 1 milhão de vagas". Segundo ele, a ideia "é ter um impacto grande na geração de empregos já no começo do ano", coincidindo assim com o início do governo de Jair Bolsonaro.

"A intenção é canalizar o momento de otimismo no Brasil, com empresários retomando investimentos, somando tudo isso em uma campanha de mobilização", explica Kanner. "Queremos replicar isso para cada empresa, da grande à pequena, para que abra pelo menos um vaga, o que certamente terá um grande impacto na economia logo de cara."

A iniciativa tem apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), onde ocorrerá o lançamento da campanha no dia 17. Devem participar cerca de 250 empresários dos setores da indústria, comércio, serviços e agronegócio de todo o País.

O Movimento Brasil 200 foi criado no ano passado pelo dono das Lojas Riachuelo, Flávio Rocha, que chegou a lançar sua candidatura à Presidência da República, mas desistiu da disputa.

Kanner, que também pertence ao grupo, informa que a Riachuelo abrirá 300 vagas em janeiro, número que "deve crescer bastante ao longo do ano, de acordo com o número de lojas que forem abertas".

Vagas disponíveis

Os empresários que participam do Movimento Brasil 200 já aderiram ao programa. Um deles, Luciano Hang, dono da rede Havan, promete 5 mil novos empregos. Ela já havia anunciado em novembro investimento de R\$ 500 milhões na abertura de 20 lojas no próximo ano. Também já se comprometeram com novas vagas os grupos Centauro e Polishop, entre outros.

Em janeiro, o movimento realizará campanhas em diversas mídias, como rádios, TVs, jornais e redes sociais. As empresas colocarão as vagas formais que dispõem em um site e os interessados poderão se inscrever nesse mesmo canal. Os números serão acompanhados mensalmente por meio do Cadastro de Empregados e Desempregados (Caged).

Segundo Kanner, serão oferecidas vagas em todos os segmentos, desde manutenção e limpeza até altos cargos, com variadas faixas salariais, todas com carteira assinada e por meio das modalidades previstas na nova legislação trabalhista, como intermitentes e temporárias.

“O melhor programa social para o País é o emprego, pois é um absurdo termos 12,4 milhões de desempregados”, afirma Kanner. O último dado divulgado pelo IBGE indicam que a taxa de desemprego no País caiu para 11,7% no trimestre que vai até outubro, ante 12,3% no trimestre anterior, mas ainda é considerada muito alta.

Para se inscrever e mais informações acesse o site: www.empreguemais1.com.br

FGV: IPC-S da 1ª quadrimestre de dezembro avança em 6 das 7 capitais avaliadas

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Índice de Preços ao Consumidor – Semanal (IPC-S), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), acelerou em seis das sete capitais pesquisadas na primeira quadrimestre de dezembro na comparação com a leitura anterior.

A informação foi divulgada na manhã desta terça-feira, 11, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Na primeira medição deste mês, o IPC-S sofreu queda de 0,06%, após retração de 0,17% na última quadrimestre de novembro.

Conforme a FGV, os acréscimos registrados nas taxas do IPC-S em relação ao encerramento de novembro foram os seguintes: em Salvador (de -0,29% para -0,19%); Belo Horizonte (de -0,04% para 0,00%); Recife (de -0,23% para -0,10%); Rio de Janeiro (de 0,08% para 0,34%); Porto Alegre (de 0,00% para 0,07%) e São Paulo (de -0,36% para -0,27%). Apenas Brasília registrou queda dos preços, indo de -0,43% para -0,50%.

FGV revisa projeção de crescimento para PIB de 2018 de 1,5% para 1,3%

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR

A equipe de especialistas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) baixou a projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 2018 de 1,5% para 1,3%, após o anúncio de revisões dos dados de 2016 e 2017 por parte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para 2019, o Ibre/FGV projeta avanço de 2,4% no PIB, em seu cenário base.

Segundo a pesquisadora Silvia Matos, que apresentou os dados nesta segunda-feira, 10, em palestra durante seminário de análise de conjuntura do Ibre/FGV, quando se olha as revisões desagregadas feitas pelo IBGE, o PIB de 2017 ficou “um pouco mais benigno, não foi só agropecuária”.

Para Silvia, a tendência é o consumo das famílias ser o motor da economia em 2019. O Ibre/FGV projeta avanço de 2,5% no consumo das famílias no próximo ano.

O quadro atual é desfavorável para a dinâmica de emprego e renda, mas a expectativa é que haja uma melhora gradual.

As projeções do Ibre/FGV apontam taxa de desemprego ainda elevada, caindo de 12,2%, conforme estimativa de 2018, para 11,9% em 2019, enquanto o mercado de trabalho poderá terminar o próximo ano com de 700 mil a 800 mil empregos formais criados, ante os 406 mil esperados para este ano.

Avanço maior do consumo ainda depende da expansão do crédito, conforme Silvia. "As famílias ainda estão muito endividadadas e o mercado de trabalho tem uma recuperação muito gradual", afirmou Silvia.

Após os últimos dados de inflação, o Ibre/FGV também revisou a projeção para o IPCA, índice oficial calculado pelo IBGE. Agora, os economistas do instituto estimam em 3,8% a alta do IPCA em 2018 – há três meses, quando foi realizado o último seminário de conjuntura do Ibre/FGV, a projeção para o IPCA era de 4,6%.

'Não é hora de brincar com povo e com País', diz presidente da Fetrabens

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR (publicado em 10-12-2018)

A Federação dos Caminhoneiros Autônomos de Carga em Geral do Estado de São Paulo (Fetrabens) não está participando dos protestos dos caminhoneiros, apesar de acompanhar a mobilização, disse ao Broadcast Agro (sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado) o presidente da entidade, Norival de Almeida Silva Preto. "Estamos no fim de ano, em que as famílias saem de férias e viajam para descansar.

Não podemos atrapalhar a sociedade e até mesmo a transição de um governo que está começando. Não é hora de brincar com o nosso povo e com o País", defendeu Silva Preto, que também preside o Sindicato dos Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens do Estado de São Paulo (Sindicam-SP) e é vice-presidente da Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos (CNTA).

"Para e por que esse movimento? Qual será o resultado para o Brasil? Respeito, mas, considero que é prejudicial ao nosso País", argumentou Silva Preto. Na avaliação da entidade, o momento é de aguardar o posicionamento do novo governo com a "credibilidade que foi concedida pela sociedade brasileira para a mudança".

Na opinião do presidente da Fetrabens, os caminhoneiros são os responsáveis pela aplicabilidade e funcionamento da tabela no momento de acordo do frete. "Nós temos de ser fiscais de nós mesmos e não carregar cargas abaixo do piso mínimo. É só exigir que a tabela seja cumprida, porque o peso e o cumprimento da lei ninguém tirou", acrescentou.

No início da manhã desta segunda-feira, 10, ocorreram manifestações na região de Barra Mansa (RJ) e no Porto de Santos (SP).

O ato é um protesto contra a decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux, de suspender a aplicação de multas pelo descumprimento da tabela dos preços mínimos de frete até que a corte decida pela constitucionalidade da fixação de pisos de preço para os serviços de transporte rodoviário. O movimento é, até o momento, pontual.

Caminhoneiros encerram bloqueios em trechos da Dutra; dois são presos

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo (publicado em 10-12-2018)

Polícia flagrou pessoas arremessando pedras contra caminhoneiros que não aderiam ao ato

Os bloqueios de caminhoneiros em dois trechos da rodovia Presidente Dutra (BR-116) iniciados na manhã desta segunda-feira (10) nos municípios de Barra Mansa e Porto Real, ambos no Rio de Janeiro, foram encerrados, de acordo com informações da PRF (Polícia Rodoviária Federal).

Em Barra Mansa, a manifestação havia começado por volta de 5h25 no km 274 da via, e veículos de carga eram obrigados a retornar no sentido de São Paulo, provocando

aglomeração sobre a pista e com alguns veículos retidos, segundo a polícia. Em Porto Real, a interdição foi no km 290, informou a PRF.

A Dutra é uma das principais e mais movimentadas estradas do país, já que liga as duas maiores cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, atravessando regiões com grande concentração de indústrias.

Ao final da manifestação, a polícia flagrou três pessoas arremessando pedras contra caminhoneiros que não aderiam ao movimento. Duas delas foram presas, e a outra conseguiu fugir. Segundo a PRF, três caminhões foram danificados devido as pedradas. Os presos disseram à polícia que faziam parte do protesto.

Também nesta segunda-feira, foi realizado um ato no Porto de Santos (SP), o maior do país. Conforme a Codesp (Companhia Docas do Estado de São Paulo), não houve bloqueio das vias, e os motoristas apenas conversavam com outros caminhoneiros, sem impedi-los de continuar percurso.

"A Polícia Militar e a Guarda Portuária compareceram ao local e mantiveram a normalidade no fluxo de caminhões destinados ao Porto de Santos", afirmou a Codesp, em nota.

Os protestos ocorreram após o ministro Luiz Fux, do STF (Supremo Tribunal Federal), conceder na semana passada liminar impedindo a ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) de multar transportadores que não seguirem os fretes rodoviários mínimos.

O tabelamento de fretes foi uma das medidas adotadas pelo governo na esteira da histórica greve de maio, que afetou a economia do país como um todo. O setor empresarial considera tal medida como inconstitucional.

Ainda na semana passada, a Abcam (Associação Brasileira dos Caminhoneiros) afirmou que poderia ficar mais difícil evitar uma nova paralisação da categoria após a liminar do STF.

Procurada para comentar o assunto, a Abcam disse que mantinha o posicionamento da semana passada.

Justiça ordena redução do pedágio da Dutra; concessionária vai recorrer

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo (publicado em 10-12-2018)

A Justiça Federal no Rio de Janeiro anulou nesta segunda-feira os efeitos de reajustes das tarifas de pedágio cobrados na rodovia Presidente Dutra, que liga São Paulo e Rio de Janeiro e é administrada pelo grupo CCR.

A decisão acatou ação movida pelo Ministério Público Federal (MPF), que questionava reajustes aplicados pela concessionária nos anos 2010 e 2011. A medida determina a imediata redução das tarifas de todas as praças de pedágio da Novadutra.



Segundo o MPF, a concessionária Novadutra, controlada pela CCR, e a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) foram condenadas a recalcular os reajustes

de 2010 e 2011 considerando a aplicação da cláusula 57 do Contrato de Concessão, mantendo a aplicação do IPCA a partir de 2012, bem como a implementar imediatamente as tarifas de 2018 resultantes dos recálculos. O órgão não informou para quanto os valores de pedágio devem ser reduzidos.

Para o MPF, desde 2010 a tarifa dos pedágios na via tem sido indevidamente majorada. Os procuradores defendem que após obras de recuperação feitas pela ANTT naquele ano, as cláusulas de reajuste de pedágio deveriam ter mudado, o que não aconteceu.

Segundo a Justiça Federal, ANTT e concessionária entenderam equivocadamente pela manutenção da fórmula de reajuste. "Esta conduta causou consideráveis prejuízos aos usuários, que foram onerados por estas resoluções que não atendem aos limites contratuais e nem à forma necessária para a alteração".

Procurada, a ANTT não se manifestou de imediato. Em nota, a CCR Novadutra afirmou que a NovaDutra vai apresentar recurso contra a decisão, que deve ser suspensa até que o Tribunal Regional Federal da 2ª Região aprecie a questão.

Ghosn e Nissan são indiciados no Japão

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)



Ghosn: acusado de sonegação fiscal no Japão, ficará mais tempo na prisão
Promotores apresentam acusações de sonegação fiscal; empresa sugere
ligação de executivo com Sérgio Cabral e Eike Batista

Após manter Carlos Ghosn preso por 20 dias em Tóquio, Japão, a promotoria indiciou formalmente o executivo, alegando que ele escondeu cerca de metade dos pagamentos recebidos como CEO da **Nissan** entre 2010 e 2015, deixando de informar algo como US\$ 43 milhões ao fisco japonês.

Ao mesmo tempo, os promotores apresentaram uma nova acusação, de que Ghosn e a Nissan teriam sonegado impostos sobre outros US\$ 38 milhões pagos entre 2015 e 2018. Com isso, já foi concedida a prorrogação da prisão por mais 22 dias.

Não funcionou a estratégia da Nissan de denunciar Ghosn à Justiça japonesa para escapar de acusações, pois a promotoria também indiciou a empresa no processo, por violação da legislação de instrumentos financeiros e câmbio do Japão. Greg Kelly, que também era membro do conselho da companhia e foi preso junto com Ghosn, também foi acusado de ter escondido a remuneração do executivo quando era o responsável por recursos humanos da empresa.

Segundo fontes ouvidas por jornais locais, Ghosn negou todas as acusações e Kelly teria declarado que parte da remuneração foi paga por meio de bônus em mercado, por isso não precisariam constar nos balanços da Nissan.

A Nissan afirma ter apurado em investigação interna que seu ex-CEO e ex-chairman (presidente do conselho) usou indevidamente fundos da companhia para comprar e reformar imóveis em Paris, Beirute e no Rio de Janeiro. No entanto, essas acusações não fazem parte do processo movido contra Ghosn no Japão.

Quando foi preso em 19 de novembro logo depois de aterrissar em Tóquio a bordo de um jato particular, Ghosn trabalhava no projeto de fusão total da Aliança Renault-

Nissan-Mitsubishi, arquitetada por ele desde que havia assumido o comando da Nissan em 2000. O projeto enfrentava resistência por parte de executivos japoneses.

Segundo fontes ligadas a Ghosn relataram à agência Dow Jones, ele estaria insatisfeito com os resultados da companhia japonesa e planejava substituir o atual CEO Hiroto Saikawa, indicado por ele mesmo há cerca um ano para substituí-lo na posição de executivo chefe. As informações sugerem uma suposta conspiração corporativa para afastar Ghosn, já que o próprio Saikawa divulgou todas as acusações contra o executivo franco-brasileiro antes mesmo da promotória.

LIGAÇÕES PERIGOSAS DO EIKE E CABRAL



Ghosn ao lado do então governador do Rio, Sérgio Cabral, em 2011, na cerimônia em que foi anunciado o investimento para construir a fábrica da Nissan no Estado, em Resende. Na plateia estava também o empresário Eike Batista. Todos os três personagens das imagens estão presos. (Fotos: Mário Curcio)

No fim da semana passada a Nissan enviou representantes para trocar a fechadura e lacrar um apartamento da empresa no Rio de Janeiro, que era usado por Ghosn quando ele estava no Brasil.

A família do executivo filho de libaneses, nascido no Brasil e com cidadania francesa, entrou com pedido na Justiça brasileira para retirar os bens pessoais de Ghosn e familiares da residência. A liminar foi concedida, mas a Nissan alegou que deveria manter o imóvel trancado pois três cofres ali (não abertos) poderiam conter novas provas contra Ghosn.

A Nissan sugeriu que podem estar no imóvel documentos que comprovariam o envolvimento de Ghosn em negócios irregulares com o empresário Eike Batista e o ex-governador do Rio, Sérgio Cabral, ambos presos e condenados por corrupção.

Quando Eike Batista era o homem mais rico do Brasil, teria se encontrado com Ghosn para negociar o uso do Porto do Açú, um dos megainvestimentos do empresário que não foi concluído. Batista foi condenado a 30 anos de prisão por ter pago propina de R\$ 59,1 milhões ao ex-governador Cabral, que por sua vez já acumula 198 anos de detenção por condenações em processos de corrupção nos últimos anos.

Quando Ghosn anunciou o investimento para construir a fábrica da Nissan em Resende (RJ), Cabral era o governador do Estado e negociou benefícios fiscais concedidos ao empreendimento.

[Acesso ao imóvel de Ghosn no Rio cria risco de destruição de provas, diz Nissan](#)

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo (publicado em 10-12-2018)

A juíza Sônia de Fátima Dias suspendeu no sábado (8) liminar que permitia o acesso ao apartamento da Nissan no Rio cedido ao ex-presidente do conselho de administração da companhia, Carlos Ghosn, que está preso no Japão. No processo, a montadora diz que a entrada no apartamento representa "risco incalculável de destruição de potenciais provas dos crimes alegadamente praticados" pelo executivo.

A empresa solicita que os bens que estão dentro do imóvel sejam inventariados e entregues à custódia do gerente de Governança, Riscos e Compliance da empresa, Salvador Dahan.

Preso desde o dia 19 de novembro, Ghosn pede na Justiça brasileira acesso ao apartamento para retirar bens pessoais —que, segundo sua defesa, "podem ser extraviados, furtados ou danificados, sobretudo aqueles com valor de mercado, como por exemplo, relógios, joias e obras de arte".

Localizado na zona Sul do Rio, o imóvel foi comprado por subsidiária da Nissan em 2012 para servir de residência a Ghosn quando o executivo estivesse no Rio. Na época, a montadora iniciava a construção de uma fábrica na região sul do estado.

Após a prisão de Ghosn, a Nissan trocou as fechaduras do imóvel, negando acesso a familiares e representantes do executivo. Diz que encontrou três cofres fechados dentro do apartamento, que poderiam conter evidências de crimes. "Neles podem estar bens que tenham sido adquiridos com recursos da Nissan e que sejam de sua propriedade", acrescenta.

A defesa do executivo diz que a medida infringiu a inviolabilidade do lar e privou o executivo de seus bens sem o devido processo legal. A filha de Ghosn, Caroline Ghosn Bichara, também é autora do processo.

Na última quinta (6), o juiz Ricardo Cyfer concedeu liminar garantindo o acesso por 24 horas, alegando que ainda não havia imputação criminal contra o executivo. A liminar foi derrubada no sábado, acatando recurso da Nissan.

A decisão foi publicada nesta segunda (10), mesmo dia em que Ghosn foi oficialmente indiciado por procuradores de Tóquio por problemas em sua declaração de renda. A Nissan também foi indiciada, por apresentar declarações financeiras falsas.

A defesa do executivo não retornou ao pedido de entrevista. A Nissan disse em nota que está cooperando com as autoridades e trabalhando para evitar a destruição de qualquer indício ao permitir o acesso ao imóvel.

Ex-presidente de conselho da Nissan apresenta queixa contra detenção

11/12/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo (publicado em 10-12-2018)

Prisão de Ghosn marca declínio de um líder antes aclamado por resgatar montadora próxima da falência

O ex-presidente do conselho de administração da Nissan Motor Carlos Ghosn apresentou uma queixa contra a decisão judicial de prorrogar sua detenção, após ter sido alvo de um novo mandado de prisão devido a alegações adicionais de fraude financeira, afirmou a Corte Distrital de Tóquio nesta terça-feira.

Ghosn foi preso em 19 de novembro sob suspeita de conspirar para declarar apenas cerca de metade da sua renda real de 10 bilhões de ienes (US\$ 88 milhões ou R\$ 338 milhões) que obteve ao longo de cinco anos, a partir de 2010. O executivo está detido desde então em uma prisão de Tóquio para interrogatório.

Ghosn foi oficialmente indiciado na segunda-feira. Ele também foi alvo de um segundo mandado de prisão por subdeclarar seu rendimento por outros três anos, até março de 2018, com a Corte Distrital de Tóquio aprovando sua detenção até 20 de dezembro.

Após o indiciamento, os casos normalmente demoram meses para ir a julgamento, durante os quais a maior parte dos suspeitos que nega ter cometido irregularidades não tem a fiança autorizada.

O advogado de Ghosn em Tóquio, Motonari Otsuru, não pôde ser contactado em seu escritório para comentar.

A Nissan, que demitiu Ghosn do cargo de presidente do conselho de administração dias após sua prisão, tem dito que a fraude foi planejada pelo antes respeitado executivo com a ajuda do ex-diretor-representante Greg Kelly, que também foi oficialmente indiciado pela primeira vez na segunda-feira.

Kelly também permanecerá detido até 20 de dezembro, afirmou a corte distrital. A prisão de Ghosn marca o declínio dramático de um líder antes aclamado por resgatar a Nissan da beira da falência.

O executivo tem sido tratado como todos os outros na prisão, detido em uma cela pequena e fria, com oportunidades limitadas para tomar banho e fazer a barba, afirmou pessoa com conhecimento da situação.

Lei define os requisitos obrigatórios para a comercialização de veículos no País

11/12/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Diário Oficial da União de hoje traz a Lei nº 13.755, que estabelece os requisitos obrigatórios para a comercialização de veículos no Brasil. Conforme a lei, o poder executivo federal deverá estabelecer os requisitos obrigatórios para a comercialização de veículos novos produzidos no País e para a importação de veículos novos classificados nos códigos 87.01 a 87.06 da Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados (TIPI), relativos à rotulagem veicular, eficiência energética veicular e desempenho estrutural associado a tecnologias assistivas à direção.

Em relação aos veículos classificados nesses códigos, o poder executivo federal poderá reduzir as alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) em até dois pontos percentuais para aqueles que atenderem a requisitos específicos de eficiência energética e em até um ponto porcentual para os veículos que atenderem a requisitos específicos de desempenho estrutural associado a tecnologias assistivas à direção.

A lei também institui o Programa Rota 2030 – Mobilidade e Logística, dispõe sobre o regime tributário de autopeças não produzidas, e modifica questões tributárias de várias leis sobre o assunto.

Sobre o Programa Rota 2030 – Mobilidade e Logística, a expectativa é que o mesmo atue em assuntos como desenvolvimento tecnológico, competitividade, inovação, segurança veicular, proteção ao meio ambiente, eficiência energética e qualidade de automóveis, caminhões, ônibus, chassis com motor e autopeças.

Emplacamentos de janeiro a novembro sobem 52,58% em um ano, diz Anfir

11/12/2018 – Fonte: DCI (publicado em 10-12-2018)

O número de emplacamentos de implementos rodoviários de janeiro a novembro deste ano cresceu 52,58%, para 82,031 mil unidades ante o mesmo intervalo do ano passado, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Implementos Rodoviários (Anfir), na comparação com o mesmo intervalo de 2017. O bom desempenho, acrescenta a entidade, é reflexo direto dos resultados do setor de agronegócios.

O segmento leve, de carroceria sobre chassis, anotou alta de 32,44% sobre o mesmo período de 2017, para 41,463 mil emplacamentos, ritmo este menor que o do setor pesado, de reboques e semirreboques, que avançou 80,67% em igual comparação, para 40,568 mil unidades.

Em nota, Norberto Fabris, presidente da entidade, afirma que essa taxa de recuperação ajuda bastante na recomposição das empresas, após dois anos de crise no mercado, mas para repor as perdas "levaremos mais tempo".

Entre janeiro a outubro, as exportações de reboques e semirreboques cresceram 10,56% ante o mesmo período do ano anterior, somando 3.203 unidades. Na ocasião o setor vendeu ao mercado externo 2.897 unidades.

Para 2018, a associação estima um volume de emplacamentos de aproximadamente 85 mil unidades. "Para o próximo ano o setor poderá atingir algo entre 10% e 15% acima do volume deste ano, seguindo no caminho da recuperação", prevê Fabris.

Segundo ele, o desempenho depende bastante do ritmo da economia brasileira, que terá influência da estratégia econômica que será adotada pelo novo governo.

Mercado prevê mais participação do setor privado nas compras em 2019

11/12/2018 – Fonte: DCI

Após um desempenho acima do esperado em 2018, puxado por licitações públicas, fabricantes de máquinas de construção esperam uma retomada e projetam novo incremento das vendas



Linha de produção da John Deere: empresa irá nacionalizar três modelos de motoniveladoras até 2021

Após um ano de grande dependência das licitações públicas, as fabricantes de máquinas de construção esperam maior participação do setor privado nas vendas e projetam um crescimento entre 5% e 15% para 2019.

"A Sobratema [Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração] prevê um avanço de cerca de 3% em 2019, considerando que, após um ano de eleição, as compras do governo caem. Mas a Komatsu aposta em 10% a 15% de crescimento no volume de vendas. Acreditamos que as compras privadas superem as do poder público", avalia o gerente de vendas e marketing da empresa, Luciano do Amaral Rocha.

As fabricantes entendem que há um ambiente mais positivo para a retomada da construção civil e de obras de infraestrutura. "Vai haver um impacto maior de ações e políticas públicas ligadas a esses segmentos do que de licitações", destaca o gerente de marketing América Latina da Case, Mauricio Moraes. O executivo estima melhora de 5% a 10% sobre 2018. "Esperamos que o mercado traga um respiro que permita o repasse de preços. Neste ano, fomos muito pressionados pelo câmbio e matéria-prima, principalmente o aço."

O diretor da divisão de construção da John Deere, Roberto Marques, prevê crescimento de 5% para o setor. "Vai ter menos compras do governo, mas o setor privado vai crescer. O índice da confiança da construção civil é o maior dos últimos quatro anos", afirma, em referência ao índice medido pela Fundação Getulio Vargas (FGV), que atingiu 84,7 pontos na passagem de outubro para novembro, maior nível desde janeiro de 2015.

Rocha aponta que a produção não deve crescer tanto quando as vendas, devido à queda nas exportações. "A Argentina caiu muito e parece difícil que se recupere tão cedo."

O gerente de marketing da New Holland, Giovanni Borgonovo, vê com otimismo o cenário para o próximo ano. "Não deve ser tão forte, mas continuaremos crescendo. Há sinalizações do próximo governo de que vai haver investimentos em obras de infraestrutura que estão paradas."

Ano de recuperação

Na visão de Marques, 2018 representou uma melhora significativa, ainda que sobre uma base fraca. "Em 2017, a indústria comercializou cerca de 8 mil máquinas, esse ano deve chegar a cerca de 11 mil."

O executivo da John Deere conta que todos os segmentos apresentaram desempenho positivo. "Houve bastante licitações e vendas de máquinas de terraplanagem, mineração e agrícola. Foi um resultado acima do esperado."

"Recentemente, a empresa anunciou que irá nacionalizar, a partir de 2021, a produção de três modelos de motoniveladoras. "Nossa fábrica em Indaiatuba [SP] será expandida em 12 mil m² e gerar 130 empregos diretos", conta Marques.

Rocha define 2018 como um ano surpreendente. "Esperávamos 12% de crescimento de vendas para o setor, mas chegou a quase 40%. A Komatsu conseguiu ficar próxima desses números. A construção reagiu, longe dos níveis de 2013, mas chegou a um patamar interessante."

O executivo destaca que o volume de locações de máquinas teve crescimento. "Isso ocorre pelo momento difícil da economia, mas é um bom sinal. É um indicativo de que as vendas vão crescer."

Moraes entende que o mercado de construção atingiu um patamar distorcido entre 2012 e 2014 e que agora é preciso crescer de maneira sustentável. "Em 2018, houve uma pequena melhora e ano que vem pode ser melhor", destaca.

Borgonovo afirma que a New Holland cresceu alinhada ao mercado. "O ano eleitoral tem um volume maior de licitações, o que gera muitas vendas. Também vimos uma tímida recuperação no setor privado, na construção civil, e apostamos no agronegócio."

Jaguar E-Pace recebe motor 2.0 flex com 249 cavalos

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)



Novo motor Ingenium 2.0 flex também já é aplicado em modelos Land Rover fabricados em Itatiaia (RJ)
Propulsor desenvolvido na Inglaterra está disponível em duas versões, a partir de R\$ 233,8 mil

O utilitário esportivo **Jaguar E-Pace** recebeu uma nova motorização bicomcombustível. O Ingenium **2.0 flex** está disponível nas versões Base P250 (Pure) e R-Dynamics S P250, com preços entre R\$ 233,8 mil e R\$ 251,3 mil. O propulsor foi desenvolvido na Inglaterra para o mercado brasileiro e também vem sendo utilizado no Discovery Sport

e no Range Rover Evoque montados em Itatiaia (RJ). O Ingenium flex produz 249 cavalos e leva o E-Pace de zero a 100 km/h em sete segundos.

O motor tem ampla utilização de alumínio e recebe duplo comando de válvulas variável. As novas versões flex juntam-se à opção R-Dynamic SE P300, de 300 cv. "A motorização flex acentua a versatilidade do E-Pace", afirma o gerente de marketing e produto da Jaguar Land Rover, Paulo Manzano.

A Jaguar Land Rover oferece programas de revisão com preço fixo. Para o E-Pace, o Jaguar Care custa R\$ 3.490 para os primeiros cinco anos, ou primeiras cinco revisões básicas, ou 55 mil quilômetros, o que ocorrer primeiro. As revisões devem ser realizadas a cada 12 meses ou a cada 10 mil quilômetros, o que vier primeiro. O serviço inclui troca de óleo do motor, filtro de ar, filtro de pólen, filtro de combustível, fluido de freio e mão de obra.

Fabricantes de implementos estimam crescimento de até 15% em 2019

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)



Setor pode superar as 93 mil unidades no ano que vem; para 2018 a previsão é de 85 mil

As **fabricantes de implementos rodoviários** já esperam um novo crescimento das vendas ao mercado interno em 2019, o segundo ano consecutivo positivo para o setor após quatro anos ininterruptos de queda dos negócios. Isso porque 2018 encerrará como o primeiro ano positivo em volume de vendas pós-crise, segundo projeção da Anfir, que reúne as empresas do setor.

Ao divulgar o balanço dos onze meses na segunda-feira, 10, a entidade estima que o volume deste ano deva chegar aos 85 mil implementos, na soma de leves e pesados. Se confirmado, representará um aumento expressivo de 40,7% sobre as 60,4 mil unidades entregues em 2017.

"Para o próximo ano o setor poderá atingir algo entre 10% e 15% acima do volume deste ano seguindo no caminho da recuperação", projeta Norberto Fabris, presidente da Anfir.

No entanto, o executivo lembra que o desempenho da indústria depende exclusivamente do ritmo da economia "o que terá influência da estratégia econômica que será adotada pelo novo governo", completa.

Neste ano o que se viu não foi diferente: com a reação econômica, o transporte rodoviário voltou a respirar, o que se traduz em números: de janeiro a novembro, as vendas de implementos subiram 52,5% na comparação com mesmo período do ano passado: foram emplacadas 82 mil unidades, entre leves e pesados, contra as 53,7 mil de um ano atrás.

O setor de pesados – reboques e semirreboques – se beneficia do desempenho positivo do agronegócio, que reflete diretamente nos resultados de emplacamentos. Nesta

categoria, as vendas deram um salto de 80,6% na comparação anual, passando de 22,4 mil para 40,5 mil unidades.

“Essa taxa de recuperação ajuda bastante na recomposição das empresas após dois anos de crise no mercado”, disse Fabris.

“Mas para repor as perdas levaremos mais tempo”, comentou. Também no segmento leve, que inclui carrocerias sobre chassis, os negócios fecharam no azul: foram vendidas 41,4 mil unidades, com variação positiva de 32,4% na comparação com janeiro a novembro de 2017.

SETOR RETOMA ALTA DAS EXPORTAÇÕES

Os dados mais recentes da Anfir mostram que as exportações também recuperaram o fôlego: de janeiro a outubro, a indústria brasileira embarcou 3,2 mil implementos (reboques e semirreboques), 10,5% a mais do que os mesmos dez meses do no passado, quando o resultado foi de pouco mais de 2,8 mil unidades.

O bom desempenho se deve à maior demanda dos mercados, principalmente os da América Latina, mas também ao esforço da entidade com a Apex-Brasil, Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, com o MoveBrazil, Programa de Internacionalização da Indústria de Implementos Rodoviários, que promoveu diversas rodadas de negócios entre empresas brasileiras e potenciais clientes em outros países nos últimos dois anos.

“Exportar é um processo mais lento e que se tornou mais uma opção para a indústria brasileira”, conclui Fabris.

Conectividade: a nova fonte de lucro para as montadoras

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)

Esse conteúdo é oferecido por **LOGIGO**



Fabricantes de carros começam a destravar mercado trilionário no Brasil

O carro conectado será em uma das grandes fontes de receita da indústria automotiva nos próximos anos. A expectativa é consenso entre uma série de especialistas.

Pesquisa da KPMG com executivos da indústria automotiva mostra que 75% deles acreditam que veículos com conexão têm potencial para gerar faturamento 10 vezes maior. Já levantamento da McKinsey indica que, ao lado dos serviços de mobilidade e novos modelos de negócio, a conectividade acrescentará US\$ 1,5 trilhão em receitas à indústria automotiva.

Globalmente as companhias automotivas já se movimentam para se adaptar a esta transformação. A Volkswagen, por exemplo, anunciou investimento de US\$ 4 bilhões no desenvolvimento de negócios digitais até 2025.

A empresa vai criar a plataforma We baseada na nuvem para conectar veículos, clientes e oferecer serviços. A Bosch é outra organização que aposta no mesmo

caminho. A empresa criou uma nova divisão, a Connected Mobility Solutions, focada na oferta de serviços conectados e de mobilidade.

AVANÇO LOCAL

Os negócios também começam a se movimentar no Brasil. Este ano a Nissan começou a oferecer carros equipados com o Multi-App, central multimídia mais completa, conectada à internet e que não depende de espelhamento com o celular. A solução traz uma série de funcionalidades para o cliente e, ainda, oportunidade importante para a montadora, que consegue monetizar com oferta de serviços e estreitar o relacionamento com os consumidores.

Antonio Azevedo, CEO da Logigo Automotive, desenvolvedora de centrais multimídia responsável pela produção do Multi-App, explica a maior diferença entre a solução adotada pela Nissan e a maioria das outras usadas no mercado. "Usamos um software nativo que garante à montadora o controle dos dados dos clientes e, assim, permite a monetização destas informações. Nos sistemas equipados com Android Auto ou Apple CarPlay, quem tem este domínio é o Google e a Apple, não a fabricante do carro", conta.

Segundo o executivo, a tecnologia da central multimídia permite que a montadora envie mensagens direto ao cliente pelo sistema, como um desejo de parabéns no aniversário dele com um cartão de desconto para executar serviços em uma concessionária, por exemplo. Como a plataforma digital é própria, a fabricante do carro pode também aceitar publicidade na central multimídia, vender aplicativos ou ir mais longe e desenhar seguros sob medida para cada cliente.

"A montadora passa a ter a informação de como determinado motorista dirige, se este concordar em dividir essas informações, pode firmar parceria com seguradora e fazer preços personalizados ou desenhar uma apólice pay per use em que o cliente só paga pelo tempo em que está com o carro na rua", enumera Azevedo. Segundo ele, possibilidades não faltam, mas todas dependem de que o carro esteja conectado para funcionar.

"Hoje grande parte dos veículos que temos no mercado contam com uma central multimídia que representa um investimento da montadora que não se converte em aumento da lucratividade depois. Acredito que estas plataformas representam um ponto chave para as montadoras, uma oportunidade de negócio", defende Azevedo.

INOVAÇÃO À BRASILEIRA

Em tempos de busca por novas receitas para a indústria automotiva Régis Nieto, sócio-diretor do BCG, lembra que a melhor recomendação é não esperar que as respostas venham prontas da matriz das organizações. "Nos próximos anos o dinheiro virá de novos lugares. As empresas que não estão se reposicionando agora vão passar por dificuldades", disse o consultor durante apresentação em evento promovido por **Automotive Business** em agosto.

Segundo ele, é um erro acreditar que as novas soluções não podem ser desenhadas localmente. "Uma das coisas que mais ouço dos profissionais no Brasil é que as respostas virão de fora. Acima de tudo, o consumidor é local e, portanto, precisamos desenhar os produtos e serviços certos para ele", defende. Ele lembra que, com pessoas tão conectadas, o país é um dos maiores mercados para empresas como Uber e Waze. É aí, justamente, que está a maior oportunidade para as companhias automotivas: desenhar soluções brasileiras com potencial para ganhar escala.

É justamente nisso que a LogiGo está apostando, garante Azevedo. Segundo ele, a empresa deve abrir em breve um escritório no Vale do Silício. A ideia ali é tanto aproveitar a mão de obra do maior polo de inovação do mundo para os novos

desenvolvimentos, quanto fazer uma ofensiva no mercado dos Estados Unidos. É a inovação à brasileira ganhando o mundo.

Volkswagen Jetta começa agora em R\$ 99.990

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)



Nova opção também traz motor 1.4 turbo flex de 150 cv e câmbio automático de 6 marchas

Sedã médio trazido do México ganha novo fôlego para brigar com Toyota Corolla e Honda Civic

A **Volkswagen** começa a vender uma nova versão de entrada do novo **Jetta**. A opção 250 TSI tem o mesmo motor 1.4 turbo flex com até 150 cavalos e também o câmbio automático de seis marchas, mas começa em R\$ 99.990. A escadinha de opções do sedã sobe de R\$ 10 mil em R\$ 10 mil, com o Jetta Comfortline por R\$ 109.990 e o R-Line por R\$ 119.990.

A nova opção torna o Volkswagen mais competitivo em relação a Toyota Corolla e Honda Civic, os dois sedãs médios mais vendidos no Brasil. Montado sobre a plataforma MQB, o Jetta é trazido da fábrica de Puebla, no México. A nova versão traz de série faróis e lanternas de LED, ar-condicionado digital com duas zonas distintas de temperatura, sensores de estacionamento dianteiro e traseiro, sensor de chuva e seis airbags (dois frontais, dois laterais e dois do tipo cortina).

O carro recebe ainda controle eletrônico de estabilidade, bloqueio eletrônico do diferencial, sistema start-stop e assistente de partida em rampa. Também são de série rodas de liga leve de 16 polegadas, vidros, travas e retrovisores com acionamento elétrico e central multimídia com tela de oito polegadas e App Connect, que permite espelhamento com smartphones (Android Auto, Apple CarPlay e Mirrorlink).

O novo Jetta está na sétima geração. Foi apresentado no Brasil em setembro deste ano. O carro faz parte da estratégia da Volkswagen de lançar 20 modelos na América do Sul até 2020. Tem três anos de garantia.

ABINC incentiva desenvolvimento da Indústria 4.0

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)

A Indústria 4.0 que é a transformação da manufatura, tem como um de seus principais pilares, a Internet das Coisas. Essa anunciada revolução industrial motivou a ABINC (Associação Brasileira de Internet das Coisas) a criar o Comitê de Manufatura, agrupando diferentes segmentos industriais no Brasil.

O foco é apresentar o potencial dessa transformação digital na manufatura e fomentar a adoção pelas empresas brasileiras de todos os portes para que não fiquem desconectadas das cadeias globais de fornecimento. O objetivo é dar um grande salto em produtividade e eficiência na manufatura do país, já que no Brasil a sua utilização ainda é tímida.

Um estudo feito pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), aponta que o país ocupa a 17ª posição no estudo sobre a posição competitiva da Indústria 4.0 feito.

Foram avaliados critérios como a disponibilidade e custo de mão de obra, infraestrutura e logística, tecnologia e inovação e o peso dos tributos.

O Comitê está engajado no desenvolvimento de frameworks sobre Indústria 4.0 e Internet das Coisas com intuito de facilitar o entendimento e implantação de tecnologias 4.0, aliado a divulgação de casos reais e a elaboração de road maps para identificação no nível de maturidade das organizações brasileiras sobre o conceito e aplicações da Indústria 4.0.

"Apesar de já muito discutida e propagada, a aplicação da Internet das Coisas na indústria ainda está no início e temos muito o que aprender para crescer e desenvolver, e para isso estamos criando pontes entre empresas e governos e disseminando as novas tendências, novidades e formas de fazer", destaca Flávio Maeda, Presidente da ABINC

12 benefícios da manufatura conectada segundo a ABINC:

1 Conectividade: Permite a conectividade e comunicação segura entre máquinas e equipamentos nos processos produtivos que trazem transparência e controle na produção jamais imaginados, dados reais a todo momento, facilitando planejamentos e tomadas de decisão;

2 Troca de dados: Clientes e fornecedores podem trocar informações em tempo real para antecipar demandas e proporcionar equilíbrio aos processos produtivos;

3 Sensoriamento: Sistema com sensores que conseguem monitorar e detectar pequenos desvios de funcionamento do maquinário, permitindo que o profissional antecipe suas ações;

4 Customização: Traz opções de customização, onde o consumidor pode interagir com aplicativos e ganhar um auxílio na escolha de opções mais adequadas, resultando em personalização de produtos e embalagens;

5 Integração: Permite a integração entre pessoas e máquinas em trabalhos mais complexos, em que o robô executa a parte mais difícil, enquanto o funcionário atua em complemento;

6 Impressão 3D: A manufatura aditiva possibilita a produção de peças via impressoras 3D, que moldam o produtor por meio de adição de matéria-prima, sem o uso de moldes físicos;

7 Simulação: Por meio de simulação, os operadores testam e otimizam o processo e produtos ainda na fase de concepção, diminuindo os custos e o tempo de criação;

8 Cloud: O recurso da computação na nuvem proporciona a digitalização de produtos e processos produtivos;

9 Big Data: Verificação detalhada de números e estatísticas de uma indústria por meio do Big Data Analytics. O sistema identifica falhas nos processos, ajuda a otimizar a qualidade da produção, economiza energia e torna mais eficiente a utilização de recursos;

10 TI Manufatura: Os sistemas de tecnologia da informação (TI), juntas com as tecnologias operacionais (TO), integram uma cadeia de valor automatizada, por meio da digitalização de dados;

11 Realidade Virtual / Realidade Aumentada: Integração simultânea do ambiente real e virtual por meio da realidade aumentada, tecnologia que proporciona a exibição de imagens virtuais no ambiente real;

12 Segurança de dados: Aplicação de cyber-segurança, pois como há muitos equipamentos conectados e a internet é um ambiente aberto, são necessários não só procedimentos de governança de TI, mas de padrões que garantam uma rede segura.

Novas tecnologias para indústria 4.0, fóruns setoriais e parcerias estratégicas marcam a Automation Fair, na Pensilvânia (EUA)

11/12/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 10-12-2018)

Promovida pela Rockwell Automation, líder mundial em automação industrial, a Automation Fair® 2018 teve na programação laboratórios de demonstração das mais novas soluções tecnológicas, fóruns setoriais e também os detalhes da parceria estratégica com a PTC, fabricante de software industrial.

Nos dias 14 e 15 de novembro de 2018, a Rockwell Automation (www.rockwellautomation.com.br), promoveu a Automation Fair®, maior feira anual de automação das Américas, no Pennsylvania Convention Center, na Filadélfia, Pensilvânia (EUA).

O evento ofereceu aos mais de 10 mil profissionais participantes, entre clientes, fornecedores e parceiros, a oportunidade de descobrirem como a empresa conectada pode tornar as empresas globalmente mais competitivas. O Brasil foi representado por 90 executivos que também foram ao evento para conhecer as novidades tecnológicas.

A programação contou com as mais recentes inovações de 150 expositores, fóruns e palestras com especialistas, tour técnico guiado em português, laboratórios de demonstração de tecnologias de última geração, produtos e soluções para automatizar empresas nas áreas automotiva, química, alimentos, energia, segurança, entre outras, e lounges para networking com especialistas.

Na abertura do evento, Blake Moret, CEO da Rockwell Automation Global, compartilhou sua visão de dar vida a empresa conectada e como os fabricantes podem expandir as capacidades humanas de suas fábricas, ligando pessoas, máquinas e dados, ajudando-os a serem mais eficazes e produtivos.

Além disso, Moret explicou que o programa Rockwell Automation PartnerNetwork oferece acesso à fabricantes globais de uma rede colaborativa a alcançar a otimização de toda a planta das fábricas, melhorar o desempenho da máquina e atender aos automaobjetivos de sustentabilidade.

Para o Diretor Regional da Rockwell Automation no Brasil, Rodrigo Marangon, a Automation Fair é o evento mais completo para conhecimento de soluções tecnológicas inovadoras e avançadas para a Indústria 4.0. "É uma grande oportunidade para as empresas conhecerem os benefícios práticos dessas soluções", ressalta.

Empresas de diversos setores estão evoluindo na jornada 4.0. Segundo dados divulgados pela Rockwell Automation durante o evento, o setor automotivo é líder absoluto na evolução da digitalização com 20%, seguido pelo de eletrônicos, com 14%, equipamentos industriais com 13%, bens de consumo (alimentos e bebidas, cuidados pessoais, farmácia) e fabricação e processos industriais, que compartilham 6%.

Parcerias estratégicas

Durante o evento, a Rockwell Automation passou mais detalhes sobre o acordo da parceria estratégica assinado com a PTC, fabricante de software industrial, divulgado em 14 de junho deste ano.

A parceria deverá acelerar o crescimento da Rockwell Automation e da PTC, permitindo, por meio da tecnologia digital, oferecer suporte para as indústrias que desejarem aprimorar suas operações físicas.

Entre os serviços oferecidos em parceria pelas empresas estão a plataforma FactoryTalk Innovation Suite, que possibilita rapidamente criar aplicações industriais, sendo disponibilizadas através de experiências de realidade aumentada escaláveis e o Vuforia Studio que permite a criação eficiente e econômica de realidade aumentada industrial sem a necessidade de programação em profundidade.

Já o Vuforia Engine permite experiências em realidade aumentada para aplicativos novos e existentes, podendo ser implantado localmente nas dependências da planta ou na nuvem.

Outra solução oferecida é o Vuforia Chalk, um poderoso aplicativo de orientação e colaboração remota, que ajuda especialistas e técnicos a resolverem problemas de maneira mais eficaz através de Realidade Assistida.

A convergência de TI e OT nunca foi tão evidente como na Automation Fair desse ano. Segundo o presidente e CEO da PTC, Jim Heppelmann, a parceria estratégica entre a Rockwell Automation e a PTC faz todo o sentido, pelo fato de a PTC trazer o domínio de TI e conhecimento técnico para aplicações CAD, PLM, realidade aumentada, conectividade e IoT. "Somos uma empresa de TI sendo atraída para o mundo da OT.

A Rockwell Automation é uma empresa com longa história de automação. Juntos, podemos agora produzir o FactoryTalk InnovationSuite, e não há nada como isso na indústria", explicou Heppelmann.

Para o CEO da Rockwell Automation Global, a parceria vai ajudar as indústrias e seus funcionários a serem mais produtivos. "Isso pode incluir tempo mais rápido de comercialização, produtividade operacional, gerenciamento e confiabilidade de ativos e gerenciamento de riscos corporativos".

"A tecnologia está permitindo que as empresas obtenham dados e os transformem em insights que podem direcionar a empresa para novas oportunidades", disse Moret, que prevê para a empresa o crescimento de dois dígitos e investimento em novas parcerias em 2019.

Fóruns setoriais

Dentro da programação da Automation Fair 2018®, foram realizados fóruns setoriais com a participação de representantes e especialistas de diversas empresas que falaram das suas experiências e aplicações das mais recentes tecnologias de automação usadas para aumentar produtividade e melhorar a eficiência de seus negócios.

O fórum do setor de Alimentos & Bebidas debateu como as empresas do setor estão aumentando o rendimento e o OEE (Overall Equipment Effectiveness/ Eficácia Global do Equipamento), lidando com as preocupações de segurança e melhorando a flexibilidade com a fabricação inteligente para implantar efetivamente ações para a empresa conectada.

"Atualmente, as indústrias do setor de Alimentos & Bebidas têm atuado sob pressão para obter rapidamente produtos novos e de alta qualidade, mantendo os preços baixos e a segurança dos alimentos. Isso porque os consumidores buscam continuamente o novo e o diferente e priorizam o sabor e o valor nutricional", ressalta Marcos Baisso, gerente de Indústria de Bens e Consumo para América Latina da Rockwell Automation.

Especialistas do setor farmacêutico falaram sobre as tendências para a Medicina personalizada, a busca pela eficiência operacional e as pressões de risco regulatórias que estão desafiando as empresas farmacêuticas a considerarem as ditas "facilidades do futuro". Também apresentaram como as melhores empresas do setor estão implementando tecnologias de processo Single Use, mobilidade, Analytics e

dispositivos inteligentes conectados (IoT) para reduzir o risco à produção, à marca e à Propriedade Intelectual, mantendo a qualidade e a conformidade.

O fórum que tratou do setor de Manuseio de Material abordou as tendências do setor, o que o impulsiona e os desafios atuais que afetam o mercado como, transformação digital, redução de custos e aumento da eficiência operacional. Também foram apresentadas as novas iniciativas de crescimento, implementação de novas tecnologias e uso de automação para melhorar o engajamento do consumidor.

Na área de mineração, especialistas debateram como o setor pode se manter lucrativo, independentemente da volatilidade dos preços das commodities e maneiras de executar uma operação segura e cumprir as regulamentações, mantendo ou aumentando as taxas de produção. Também foram abordadas como a tecnologia pode reduzir o tempo de inatividade não programado, aumentar o rendimento e minimizar a variabilidade do processo.

O fórum do setor de Máquinas Inteligentes tratou de temas como os desafios criados pela mão-de-obra especializada em escassez e de que forma os principais fabricantes de máquinas e equipamentos inteligentes estão aproveitando essa oportunidade, se posicionando e obtendo sucesso para seus clientes.

Segundo Andre Paulino, Gerente de Vendas para fabricantes de máquinas na Rockwell Automation, a evolução da manufatura inteligente já é um fato incontestável e a cada dia encontramos inovações acontecendo em diversos setores da indústria. "Esta corrida nos convida a refletir: onde estamos investindo nossos esforços? Na manutenção da operação ou na evolução inteligente?"

A melhor resposta neste momento seria investir nas duas, mas uma delas, a segunda, diz onde estaremos no futuro. A competitividade das empresas também vem se transformando em diferencial tecnológico e as indústrias que comportam máquinas inteligentes são desafiadas a inovar", explica.

Especialistas do setor de Potência & Energia demonstraram como gerenciam desafios, o aumento e o uso correto da tecnologia para melhorar a geração efetiva e o uso eficiente do que é produzido e como usam informações e automação para obter vantagem competitiva.

Plasson investe R\$ 28 milhões em expansão da unidade fabril, em Criciúma

11/12/2018 – Fonte: CIMM (publicado em 10-12-2018)

Na contramão do cenário de recessão econômica e nos investimentos da indústria, a Plasson do Brasil anunciou na quinta-feira, dia 6, a ampliação da unidade fabril localizada em Criciúma, durante o 17º Encontro de Vendas Latino americano da empresa.

A nova área - de 8.600 metros quadrados - foi inaugurada oficialmente no evento que reúne representantes do Brasil e da América Latina e também a Diretoria de Israel na cidade. "Estamos mostrando aos nossos representantes de que forma enfrentamos esse período difícil em nossa economia", dispara o diretor geral da empresa Franke Hobold.

A implantação da nova fábrica durou 10 meses e conta com investimentos em torno de R\$ 28 milhões. O diretor geral conta que a expansão da unidade fabril surgiu após a empresa entrar em uma nova linha de atuação: a entrega completa de aviários para produtores.

"Esse é o Plasson Solução Total, que prevê o projeto, a construção civil e instalação completa de equipamentos do aviário. Começamos em 2017 e tivemos uma

repercussão positiva tanto no Brasil quanto na América Latina. Portanto, essa ampliação foi necessária para abarcar esse novo produto. Desde o primeiro momento focamos no investimento para produção vertical aqui na empresa”, destaca.

No último ano a Plasson passou a atuar também na fabricação de equipamentos para a avicultura de postura, ou seja, produção de ovos, com a compra de 100% das ações da ATI Equipamentos S/A, indústria localizada em Rinópolis, São Paulo.

Automação e tecnologia que refletem na produção

Na nova construção a palavra de ordem é automação e tecnologia. Para isso, R\$ 7 milhões do investimento global da empresa serão destinados para aquisição de máquinas e equipamentos ao longo de 2019. “Teremos inclusive máquinas perfiladeiras para confeccionar toda a estrutura metálica dos aviários, por exemplo. Para isso, nossa prioridade é apostar na automatização dos processos, como robôs de solda” e outros acessórios, sublinha.

O reflexo de tantos investimentos, Hobold tem na ponta da língua: um incremento de 25 a 30% no faturamento da empresa. “Já tivemos vários projetos e instalações de aviários comercializados. A produção dessas construções para os 3 a 4 meses, inclusive, já está fechada”, comemora ele.

A crise como oportunidade

A decisão de ampliar a unidade fabril, segundo Hobold, foi tomada há três anos. Ao longo desse percurso, no entanto, o mercado mudou. “Mas isso não foi motivo para não seguirmos com nossa estratégia. Vimos nesse período a economia do país e a própria atividade passar por uma redução. Tivemos que lutar muito para manter o market share, apesar da situação.

O investimento continuou. Alguns dizem que somos malucos de investir em tempos de vacas magras. Porém, nossa filosofia é de que os períodos de crise são o melhor momento para fazer investimentos, para estarmos ainda mais preparados para quando chegar a retomada da economia”, finaliza ele.